

## **ACESSIBILIDADE DE LEITURA PARA TODOS: UMA INVESTIGAÇÃO SOBRE A LEITURA DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA VISUAL**

### **SALASAR, Desirée Nobre<sup>1</sup>; LEBEDEFF, Tatiana Bolívar<sup>2</sup>**

<sup>1</sup> Universidade Federal de Pelotas, Letras Português – Francês e respectivas literaturas;

<sup>2</sup> Universidade Federal de Pelotas, Núcleo de Acessibilidade e Inclusão (NAI) - UFPEL.  
tblebedeff@gmail.com

## **1 INTRODUÇÃO**

Este artigo tem como objetivo discutir as alternativas de leitura para pessoas com deficiência visual, ou seja, com cegueira ou com baixa visão e apresentar as atividades de leitor desenvolvidas pelo Núcleo de Acessibilidade e Inclusão (NAI) da UFPEL. Tais atividades visam garantir o acesso à leitura de livros e textos não digitalizados bem como a busca de livros e periódicos nas Bibliotecas para os estudantes com cegueira ou baixa visão.

Para que haja um melhor entendimento sobre o assunto é necessário que seja definido o conceito de leitura. Para tal, será utilizado o conceito de Martins (1997). Partindo do conceito de leitura, discutiremos os meios de acesso utilizados pelos cegos para realizar leituras, focando apenas em um deles: os leitores. Quem são os leitores, o que fazem e por que os cegos utilizam-se deles com mais frequência, serão alguns tópicos abordados no decorrer deste trabalho.

Segundo Martins (1997), leitura não é somente ler palavras e decifrar códigos, mas sim ler a situação a qual o autor tenta passar. Hoje em dia é muito comum as pessoas “passarem os olhos” sobre o texto, fazendo assim uma leitura alienada. A autora traz à discussão três níveis básicos de leitura: Sensorial, Emocional e Racional.

O primeiro contato com o texto é denominado nível sensorial, pois predomina o sentido. Esta leitura é basicamente a definição do que gostamos ou não. Através dela, podemos chegar a interpretações que estão guardadas em nosso inconsciente e que podem nos remeter a uma coisa ruim. Conseqüentemente, acabamos dizendo que não gostamos do texto. Essa leitura é a chamada Emocional, na qual há predominância do sentimento. Por fim, temos a leitura racional que é aquela que traz a interpretação correta do texto e sua objetividade.

Esses níveis, quando combinados, trazem para o leitor melhor entendimento, abrem novos horizontes e permitem que se faça uma análise mais ampla sobre o texto. A leitura é muito mais que uma simples decodificação... É sutileza, mistério.

Partindo deste pressuposto sobre o que é leitura, faz-se a seguinte pergunta: Quais os meios de leitura utilizados pelas pessoas com deficiência visual? Para algumas pessoas pode parecer impossível um sujeito ler sem ver as letras no papel. Mas sabemos que isso não é verdade e pessoas com deficiência visual têm provado que leitura é uma prática frequente em suas vidas. Os meios mais utilizados por eles são três: o Sistema Braille; o computador e os softwares de leitura e o auxílio de um leitor. Este trabalho focará a discussão da leitura através do leitor.

## 2 METODOLOGIA (MATERIAL E MÉTODOS)

Para a realização deste trabalho foi coletado, através de entrevista, o depoimento sobre a experiência de atividade de ledor de uma das ledoras do Núcleo de Acessibilidade e Inclusão (NAI) da UFPel e, também, o depoimento de um dos estudantes para quem ela realizou leitura mediada. Além destes dados, foi realizada uma pesquisa bibliográfica sobre leitores e sobre acessibilidade para pessoas com deficiência visual.

## 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para a realização deste trabalho foi feita uma pesquisa bibliográfica que buscou investigar a atuação do ledor enquanto estratégia de acessibilidade, as implicações para que as pessoas com deficiência visual tenham seus direitos exercidos e, por fim, foram analisados os depoimentos de uma ledora e de um estudante com deficiência visual sobre a experiência de ledor na UFPEL.

Sabe-se que os cegos são alfabetizados através do sistema Braille e que utilizam-se frequentemente deste para fazer suas leituras. Entretanto, no Brasil, ainda há uma dificuldade muito grande para ter acesso a um livro em Braille, pois além de haver poucas bibliotecas com este tipo de acervo, o volume e o peso (devido a grafia em relevo) tornam-se empecilhos para a aquisição de uma biblioteca particular (SILVAa; 2001). Há também o fato que as editoras no Brasil não investem neste campo devido ao custo muito alto para a produção destes livros e de sua manutenção, pois há a necessidade de um sistema especial de exposição dos livros para evitar a perda da textura dos pontos em relevo. Diante dessas e de outras dificuldades que os leitores cegos enfrentam para conseguir ter acesso à leitura é que surge o papel dos ledores.

A palavra ledor é sinônimo de leitor. Denomina-se ledor aquele que lê para pessoas com deficiência visual. Para ser um ledor são necessárias algumas características, sendo primordial o gosto pela leitura (SILVAb). É preciso, primeiramente, que o ledor entenda que seu trabalho com pessoas com deficiência visual não deve ser tratado como uma forma de filantropia e muito menos que ele deve realizar atividades pelo cego. É direito, reconhecido por lei (BRASIL, 2004), que a pessoa com deficiência visual tenha acesso à leitura. Portanto o objetivo do ledor é unicamente transmitir o texto para que o ouvinte faça a *sua* leitura, sendo assim, *um mediador entre o autor e o ouvinte cego* (SILVAa; 2011). O ledor não pode esquecer que a paciência é imprescindível, para que não aconteça uma leitura mecânica, pois devem ser observados alguns cuidados com o texto a ser transmitido, como os sinais de pontuação, as citações, as notas de rodapé, entre outros. Responsabilidade é outra característica necessária entre o ouvinte e o ledor, por isso os encontros devem ser marcados previamente, para que os horários sejam organizados de forma que fique bom para ambos.

Os depoimentos a seguir ilustram bem o papel do ledor e o potencial de acessibilidade ao realizar-se a leitura mediada para estudantes com deficiência visual.

Fernando, estudante do curso de Bacharelado em Música conta que antes de ter contato com uma ledora, era sua mãe quem lia para ele. Durante toda sua vida

escolar ela (e alguns amigos seus) gravava os textos para que ele pudesse estudar. Mas, ao sair de sua cidade e vir morar em Pelotas para estudar na UFPEL, Fernando sentiu a necessidade de procurar alguém que o ajudasse. Foi então que entrou em contato com o NAI e obteve acessibilidade para leitura.

*“O que posso dizer é o seguinte: A adaptação de cada pessoa com o seu leitor varia. Pode parecer absurdo, mas até a questão de alguns lerem de forma mais vaçarosa e outros mais rapidamente faz diferença na concentração, na hora de ouvir e assimilar o texto. Cabe, obviamente, a cada um tentar se adaptar melhor a pessoa que está lendo, informando-a o que é melhor para si.*

*Por exemplo: Ler mais rápido ou mais devagar, soletrar nomes se necessário, etc..*

*Eu mesmo tive esse problema recentemente: Com os primeiros dois textos que tive que gravar, não vi (e nem lembro se isso era feito anteriormente com textos gravados pela minha mãe ou amigos), a necessidade de se soletrar nomes. Contudo, com os trabalhos recentes que tive que fazer, os quais tem muitos nomes estrangeiros e eles tem que ser levados em conta, depois do segundo texto vi essa necessidade e assim fiz.*

*Isso, obviamente, faz parte da adaptação: O leitor não tem como “adivinhar” como que se quer que um texto seja lido, e isso cabe somente a nós, saber informar à pessoa que está lendo como é melhor que seja feito.”*

(Excerto da entrevista do aluno com baixa visão)

Fernando conta também que os leitores são importantes para ele principalmente pelo fato de que se existisse o acesso a áudiolivros na sua área de formação, a soletração dos nomes estrangeiros citados no texto não seria feita por ser contra as regras de produção. Então ele questiona como poderia fazer seus trabalhos sozinho, sem a atuação do leitor. Esta é uma das vantagens dos leitores, uma vez que a gravação é feita de acordo com o que é pedido pelo usuário.

A seguir, o depoimento de uma das leitoras exemplifica algumas estratégias desenvolvidas na relação entre leitor e usuário para que a leitura se realize a contento.

*“Meu primeiro contato com um deficiente visual foi possível através de uma bolsa de extensão, ofertada pela Professora Madalena Klein da FAE, em parceria com o Núcleo de Acessibilidade e Inclusão da UFPEL, que entre as atividades a serem realizadas estava a atividade de leitora. Confesso que a primeira vez eu estava com um pouco de receio de fazer alguma coisa “errada” e não conseguir transmitir o texto de uma maneira “correta”. O encontro foi previamente marcado e deu-se de uma forma muito agradável. Antes de começar perguntei qual a altura do tom de voz que ele preferia e em seguida a leitura do texto foi transmitida por mim enquanto Fernando gravava tudo. Depois ele pediu que eu soletrasse alguns nomes e palavras. Por ser uma leitora muito assídua, confesso que ter emprestado a minha voz para que outra pessoa pudesse ler foi uma experiência formidável. Quero muito continuar com esta atividade, continuando ou não bolsista.”*

(Excerto entrevista com leitora)

## 4 CONCLUSÃO

Através da investigação realizada conclui-se que com o auxílio do leitor, pessoas com deficiência visual têm um acesso mais fácil a leituras que seriam “impossíveis”. Sem a acessibilidade mediada por pessoas que se dispõem a emprestar sua voz, muitos estudantes com deficiência visual encontrariam dificuldades ao frequentar um curso universitário, pela falta de material bibliográfico acessível. Nem sempre um programa de computador pode auxiliá-lo, portanto é imprescindível que haja fomento institucional para que pessoas que apreciam a leitura e que acreditam no direito à acessibilidade continuem a realizar este trabalho, ainda tão pouco (re)conhecido em nosso País.

## 5 REFERÊNCIAS

BRASIL. Decreto 5.296 de 2 de dezembro de 2004. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato20042006/2004/decreto/d5296.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato20042006/2004/decreto/d5296.htm)>

MARTINS, Maria Helena. O que é leitura. 3. Ed. São Paulo: Brasiliense, 1997.

SILVAa, Luciene Maria da. Subjetividades Mediadas: As relações entre leitores cegos e leitores. Disponível em: [http://alb.com.br/arquivo-morto/edicoes\\_anteriores/anais16/sem09pdf/sm09ss03\\_07.pdf](http://alb.com.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais16/sem09pdf/sm09ss03_07.pdf) Acesso em: 15/08/2011.

SILVAb, Luciene Maria da. Qualquer maneira de ler vale a pena: Sobre leituras, leitores e leitores cegos. Disponível em: <http://www.anped.org.br/reunioes/31ra/1trabalho/GT10-4806--Int.pdf> Acesso em: 10/08/2011.